



Encontro Inter-regiões - Norte

Região Norte - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00250
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal do Tocantins
CAMPUS	Palmas
CIDADE	Palmas
UF	TO
CATEGORIA	JO
MODALIDADE	JO11
TÍTULO	A dor mais doída: relatos de violência obstétrica
ESTUDANTE-LÍDER	CAIRA KELLE DA SILVA LIMA
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Jornalismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Federico Salomé Oliveira (Universidade Federal do Tocantins)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

O presente trabalho - apresentado como projeto experimental da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT) -, sob orientação do Prof. Dr. Frederico Salomé de Oliveira, teve como finalidade produzir um livro-reportagem a partir de relatos de vítimas de violência obstétrica. O jornalismo é multifacetado, podendo ser categorizado como investigativo, opinativo, informativo, de entretenimento e literário, entre outros. Cada gênero jornalístico engloba produtos que possibilitam um leque de opções ao profissional, como as crônicas no jornalismo opinativo e as notícias no gênero informativo. Entre essas tantas opções de produtos jornalísticos está o livro-reportagem, um produto jornalístico que não apresenta periodicidade e é constituído por uma grande matéria em estilo de reportagem. Uma das características do livro-reportagem é a liberdade dada ao jornalista, seja na construção da pauta, na edição do texto, de possíveis imagens ou no modo de capturar os dados para compor a reportagem. Baseado nisso, o livro-reportagem foi o produto escolhido para falar de violência obstétrica. A definição utilizada sobre o tema é dada pela Organização Mundial da Saúde, que determina violência obstétrica como "abuso de medicalização e patologização dos processos naturais do trabalho de parto, que causem a perda de autonomia e da capacidade das mulheres de decidir livremente sobre seus corpos e sua sexualidade". Cortes na genital, o uso da força para acelerar o parto ou qualquer outro tipo de agressão física e/ou psicológica no momento do trabalho de parto caracterizam a violência obstétrica e são uma violação de direitos, transformando o parto em algo doloroso, e faz com que as parturientes não reconheçam seus próprios corpos, aceitando procedimentos desnecessários que muitos médicos realizam. É preciso combater toda e qualquer violência que a mulher sofre nesse momento. Por isso, o projeto apresentado pretende dar voz às mulheres que foram vítimas de violência obstétrica, mulheres que foram violadas física ou psicologicamente durante o processo de gestação e nascimento de seus filhos, bem como a profissionais da área da saúde, que dão credibilidade e veracidade ao tema. Diante de tais relatos, objetivamos criar uma reflexão acerca da necessidade de se discutir mais o assunto mostrando às mulheres seus direitos enquanto parturientes e, para os profissionais da saúde, os traumas que causam nas mulheres ao não respeitarem seus partos. Assim, temos como objetivo geral tratar da violência obstétrica a partir de relatos das vítimas. Já os objetivos específicos do trabalho são: conscientizar mulheres sobre seus direitos enquanto parturientes; mostrar a necessidade de existir maior discussão sobre o tema; sensibilizar profissionais da saúde sobre os traumas causados pela prática da violência obstétrica. Uma grande-reportagem contada em um livro pode dar espaço para aprofundamento, conhecimento e exposição de dados necessários para o entendimento da necessidade de se combater os casos de violência obstétrica. A sociedade, de forma geral, por meio da leitura, terá a oportunidade de conhecer os fatos vividos por essas vítimas, o que só é possível através da informação. Mostrar para as pessoas o quão doloroso é para quem sofre, pode trazer uma nova realidade sobre o parto para as mulheres, para os acompanhantes ou até mesmo para os médicos que realizam os procedimentos desnecessários nos corpos das parturientes, seja por "costume" ou por negligência.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Hoje, no Brasil, uma em cada quatro mulheres, de acordo com dados do estudo "Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e

privado”, realizado pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) em 2010, são vítimas dessa prática e grande parte sequer sabe da existência de seus direitos enquanto parturientes. Para entendermos o quanto muitas experiências de parto se tornam dolorosas, é indispensável ouvir quem já passou por isso. Mulheres que tiveram seus direitos negados, que não puderam estar junto com seus filhos após o nascimento deles, que foram maltratadas, humilhadas, mutiladas: são esses relatos que devem ser conhecidos para que nenhuma outra mulher aceite ser tratada dessa maneira. Para o desenvolvimento deste trabalho em formato de livro-reportagem, foram estabelecidos passos para sua produção. No primeiro momento, foram realizadas pesquisas de dados tanto do formato quanto do tema para que o livro pudesse ter caráter informativo. Em seguida, possíveis personagens foram identificados as entrevistas. Somente depois de colhidas todas as falas, a narrativa foi construída com base nos temas abordados. Para entender a produção de um livro-reportagem, se fez necessária a leitura de artigos e documentos bibliográficos que explicam as características do produto. O livro-reportagem Presos que Menstruam, de Nana Queiroz (2015), foi usado como referência para entendimento da construção narrativa. Projetos de lei, pesquisas quantitativas, recomendações da Organização Mundial da Saúde, artigos da área da saúde e o documentário O Renascimento do Parto, dirigido por Eduardo Chauvet (2013), foram essenciais para melhor compreensão do tema, bem como matérias on-line com relatos de vítimas, possibilitaram que esse projeto fosse desenvolvido. As mulheres que tiveram seus direitos violados no momento do parto e participam como personagens deste projeto, foram identificadas por meio de conversas informais e, após receber o convite da autora, aceitaram contar suas histórias. Duas das personagens manifestaram interesse em compartilhar suas experiências por meio de uma publicação em uma rede social. Uma outra mulher, por indicação de uma amiga em comum com a autora do livro e a última, por convívio familiar. Quanto às profissionais, por meio de indicação. Consideramos que nossa fonte primordial de dados são os próprios depoimentos de nossas interlocutoras que vivenciaram os traumas da violência obstétrica, fato que por si só já justifica e sustenta a execução do projeto, pois, com este projeto, incontáveis mulheres podem ser alcançadas, já que esse vem para explicar e mostrar a realidade do parto e, assim, auxiliar na prevenção de possíveis traumas. Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente. O primeiro contato, com todas as mulheres, fez-se via aplicativo de mensagens, no qual a autora explicou o propósito do projeto e as mulheres aceitaram marcar os encontros. Para realizar uma das entrevistas, a autora viajou até a cidade de São Félix do Xingu (PA). Já as outras três, aconteceram na cidade de Palmas (TO), duas nas casas das entrevistadas e outra em uma cafeteria. As entrevistas procederam de forma semiestruturada, tendo em vista que cada caso não é igual ao outro e, portanto, a flexibilidade nas perguntas se fez necessária. Todos os áudios das conversas foram gravados por meio do gravador de voz de celular e os principais pontos anotados em um bloco de notas de papel. A autora realizou as entrevistas com as profissionais de saúde em seus ambientes de trabalho e, essas também foram semiestruturadas, com áudio gravado por meio de gravador de voz do celular e com anotações em bloco de papel.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

O produto desenvolvido, após ser finalizado, passou pelo processo de inserção de ilustrações, diagramação e produção da capa. O livro contém 87 páginas, em formato digital e impresso. As ilustrações foram colocadas no início de cada capítulo, para que a curiosidade do leitor sobre o que seria tratado fosse instigada. O texto foi diagramado de forma que tornasse a leitura fácil, utilizando uma fonte que pudesse fazer com que o leitor discernisse com rapidez o que lhe é apresentado. O texto, narrado em primeira pessoa, foi dividido em 7 capítulos, além de uma introdução técnica necessária para melhor compreensão do tema a ser tratado. Os capítulos foram pensados de modo linear, para que passasse desde o momento da gravidez, até o momento do parto e pós-parto de cada entrevistada. São eles: CAPÍTULO I: Um sonho, uma realidade ou um ideal? CAPÍTULO II: Primeiros olhares CAPÍTULO III: Lista, escolhas, necessidades e um quatinho CAPÍTULO IV: Planos e planejamentos CAPÍTULO V: Ainda os preparos CAPÍTULO VI: A hora H CAPÍTULO VII: Meus últimos olhares O texto do miolo foi diagramado com fonte Adobe Garamond, tamanho 12, espaçamento entre linhas 10pt, margem 36pt, justificado à esquerda. O projeto conta com oito ilustrações em preto e branco, sendo uma em cada início de capítulo e uma na capa, feitas exclusivamente para uso no produto. Depois dos capítulos serem estruturados, foi solicitado ao desenhista Jhol Alves, que os representasse por meio das ilustrações, tendo em vista que a autora não ilustra, mas considero necessário usar arte no projeto. A parte gráfica da capa foi feita a partir de uma ilustração exclusiva previamente pensada uso no projeto, para instigar o leitor sobre seu conteúdo. Optou-se por utilizar o vermelho como cor principal, por ser uma cor vibrante e chamar a atenção de forma rápida. Foi utilizada a mesma fonte do miolo para o título e subtítulo, nos tamanhos 38 e 23, respectivamente, por apresentar fácil leitura e compreensão. O nome da autora foi colocado de forma centralizada, na parte superior da capa. A ilustração utiliza flores para representar um útero, de forma que transmitisse a ideia de que este seria o único lugar seguro. A ilustração foi feita por Jhol Alves e a diagramação e projeto gráfico por Wanessa Botelho. Ao produzir um livro-reportagem sobre violência obstétrica, foi possível compreender a necessidade da discussão do tema. Como o formato escolhido permitiu que isso fosse feito de maneira ampla e com a sensibilidade que lhe é preciso, a partir das entrevistas e escrita, o fazer jornalístico pôde ser aprimorado, levantando a reflexão acerca da necessidade de profissionais de saúde passarem por formação continuada, para que deixem de lado ações e procedimentos ultrapassados e deem lugar a novas diretrizes e evidências científicas. O projeto permitiu entender que a prática é perpetuada justamente por não haver mudanças dentro dos setores das equipes médicas responsáveis por acompanhamento pré, durante e pós-parto. Com base nas entrevistas, relatos e pesquisas, podemos concluir que o processo de judicialização da violência obstétrica é extremamente necessário. É preciso que se criem leis no Brasil que punam de forma legal quem pratica violência obstétrica, a exemplo da Lei Maria da Penha que pune casos de violência contra a mulher. No entanto, somente a legislação não é capaz de acabar com a violência a que parturientes são submetidas. O momento do parto deve ser desconstruído perante a sociedade, e isso precisa ser feito de forma educativa, dando voz às mulheres para que a violência obstétrica seja evitada.